

URDIDURAS DA COR NOS DESENHOS

DE CÉSAR ROMERO *

Mirian de Carvalho

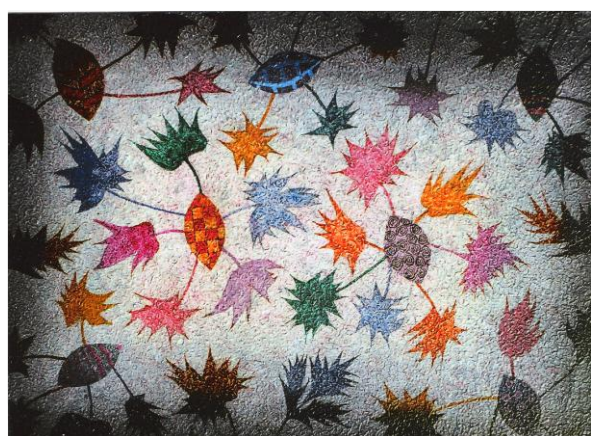
A entrelaçar matizes, César Romero realiza, em seus desenhos, *bordados e rendas* de delicado colorido. Imaginada, a cor aflora transformando-se em linha, agulha, bastidor, ponto, nó. Animizada, a cor atua como se fosse bilro, laçada, trespessando cheios e vazios. Revelando-se tecido ou entremeio, o papel se torna campo lavrado. Para desenhar sobre papel, além de canetas, lápis grafite, lápis de cor aquarelável e tinta de desenho, César Romero utilizou também materiais comuns à pintura. Utilizou acrílica e pincel. E pintou parte do papel para realizar intervenções lineares. No universo artístico contemporâneo não há divisão rígida quanto às várias possibilidades plásticas e expressivas. Hoje, no campo das artes, mais que em qualquer outra época, quando procuramos generalidades, surgem diferenças negadoras dos conceitos e categorias. Lápis? Pincel? Bidimensional? Tridimensional? Não é isso que marca a diferença entre pintura e desenho. Sem constituir teoria, digamos que o desenho se caracteriza por linearidade marcando uma superfície. Essa linearidade pode ganhar expansões e sentidos, ao abarcar direções diversas. Em certos casos, a expansão preenche lugares



* Mostra de desenhos realizada em São Paulo, de 10 de junho a 16 de julho de 2011: Lugar Pantemporâneo: Av. Nove de Julho 3653, Jardim Paulista.

por meio de traços contíguos que sugerem áreas chapadas. E os traços podem deslizar sobre manchas aquareladas ou sobre áreas pintadas, sensibilizando o papel através do colorido.

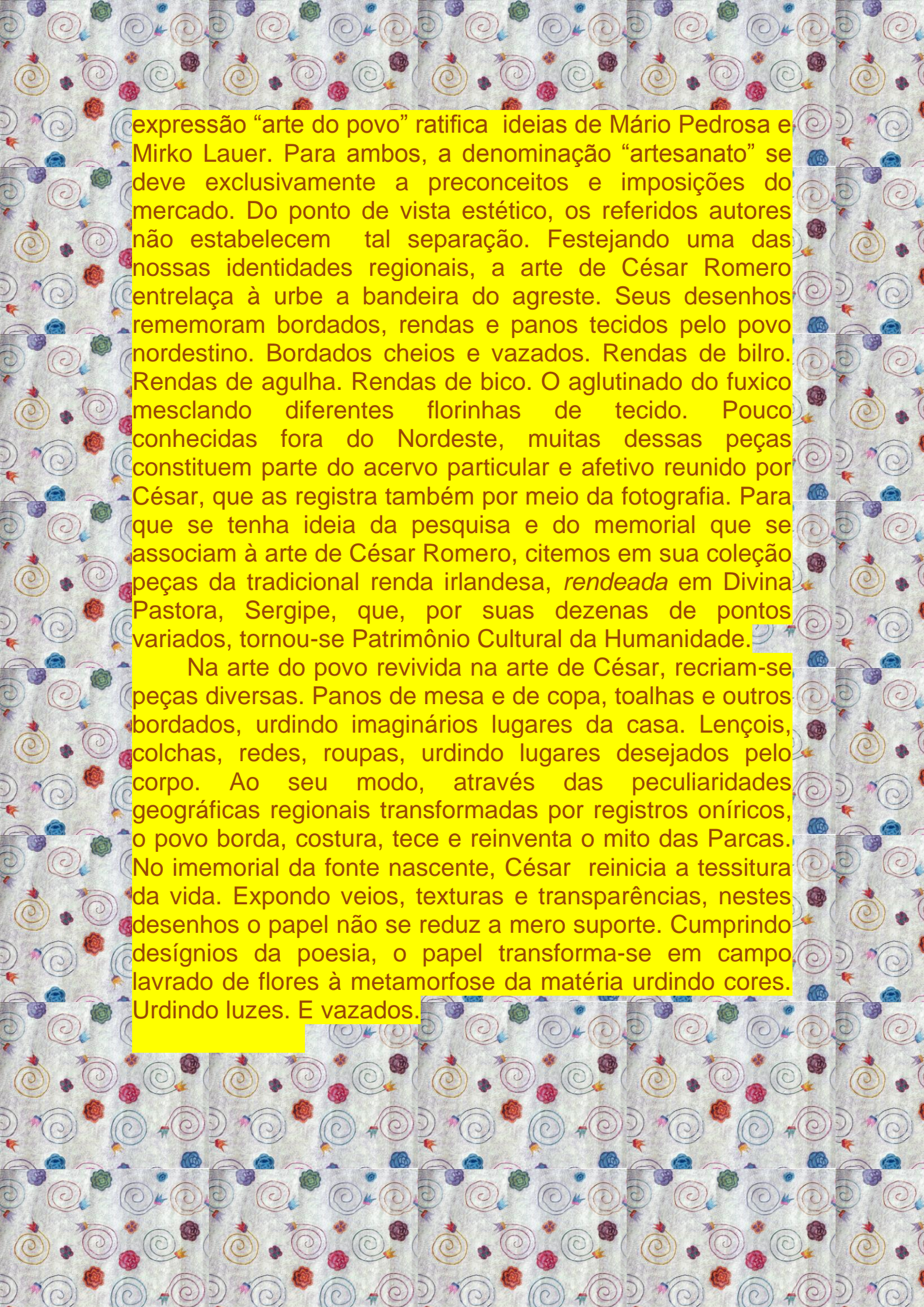
Desfiando *linhas*, entremeando bordados cromáticos, César Romero mantém liames entre os vários desenhos reunidos numa renda. Eles se reúnem num desenho maior, não finalizado, porque tais liames alcançam múltiplos sentidos que ultrapassam os limites das pranchas. O alvo campo de papel animiza-se. Em suas fibras entranham-se fios de cores, lavrando delicados caules, que delineiam, expandem e interceptam traços, desvelando variações tonais do prisma solar. César desenha com luzes. Ele



transforma a matéria em luz colorida. E a luz se irradia. E ilumina a terra natal. Das cores fortes às nuances sutis, linhas coloridas abrem caminhos. Em percurso, indo de um desenho a outro, as *hastes* encurvam-se entre movimentos, ora mais vibrantes ora mais sutis, a inaugurar lugares fechados e abertos aos entremeios de crivos e lianas. Do fechamento à abertura, e vice-versa, emergem cores. A luz surge florindo. A cor germina. Entre caules e sementes, delineia-se incontida floração:

*Flores luminosas, onde nascem vossos caules?
Clarões de renda, onde germinareis vossas sementes?*

Assim como nas outras artes praticadas por César, seus desenhos revelam essencial fonte-matriz. Revisitando o Nordeste interiorano, César reinicia leitura erudita da *arte do povo*. Aqui, em detrimento do termo “artesanato”, a



expressão “arte do povo” ratifica ideias de Mário Pedrosa e Mirko Lauer. Para ambos, a denominação “artesanato” se deve exclusivamente a preconceitos e imposições do mercado. Do ponto de vista estético, os referidos autores não estabelecem tal separação. Festejando uma das nossas identidades regionais, a arte de César Romero entrelaça à urbe a bandeira do agreste. Seus desenhos rememoram bordados, rendas e panos tecidos pelo povo nordestino. Bordados cheios e vazados. Rendas de bilro. Rendas de agulha. Rendas de bico. O aglutinado do fuxico mesclando diferentes florinhas de tecido. Pouco conhecidas fora do Nordeste, muitas dessas peças constituem parte do acervo particular e afetivo reunido por César, que as registra também por meio da fotografia. Para que se tenha ideia da pesquisa e do memorial que se associam à arte de César Romero, citemos em sua coleção peças da tradicional renda irlandesa, *rendeada* em Divina Pastora, Sergipe, que, por suas dezenas de pontos variados, tornou-se Patrimônio Cultural da Humanidade.

Na arte do povo revivida na arte de César, recriam-se peças diversas. Panos de mesa e de copa, toalhas e outros bordados, urdindo imaginários lugares da casa. Lençóis, colchas, redes, roupas, urdindo lugares desejados pelo corpo. Ao seu modo, através das peculiaridades geográficas regionais transformadas por registros oníricos, o povo borda, costura, tece e reinventa o mito das Parcas. No imemorial da fonte nascente, César reinicia a tessitura da vida. Expondo veios, texturas e transparências, nestes desenhos o papel não se reduz a mero suporte. Cumprindo desígnios da poesia, o papel transforma-se em campo lavrado de flores à metamorfose da matéria urdindo cores. Urdindo luzes. E vazados.